



Eixo: Marxismo, teoria social e crítica da economia política

A pesquisa sob os pressupostos do materialismo histórico-dialético

Resumo: Este texto tem como objetivo, a partir de aspectos históricos da trajetória de Karl Marx, afirmar a importância da pesquisa sob os pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico-dialético. Considera a ação de pesquisar um empreendimento eminentemente humano, forjada ao longo da história, vinculada a posicionamentos e valores sociais. Apresenta, portanto, relações entre a teoria social de Marx e a pesquisa científica. Conclui reiterando as considerações do método materialista histórico-dialético de que as determinações do objeto só se revelam ao pesquisador na medida em que a prática social é reconhecida por ele como critério de verdade e que a concreticidade do real é assim revelada e determinante para que possamos mover a história em uma direção emancipatória.

Palavras-chave: Pesquisa; Materialismo histórico-dialético; Karl Marx

The research under the assumptions of historical-dialectical materialism

Abstract: The objective of this text, based on historical aspects of Karl Marx's trajectory, is to affirm the importance of research under the theoretical-methodological assumptions of the historical-dialectical materialism. It considers the action of research to be an eminently human undertaking, forged throughout history, linked to social positions and values. The action of research is thus considered to be an eminently human undertaking, forged throughout history, linked to social positions and values. This study therefore presents relations between Marx's social theory and scientific research and concludes by reiterating the considerations of the historical-dialectical materialist method that the determinations of the object are only revealed to the researcher to the extent that social practice is recognized by him as a criterion of truth and the concreteness of reality is revealed as a determining factor in moving history in an emancipatory direction.

Keywords: Research; Historical-dialectical materialism; Karl Marx.

Introdução

"[...] toda ciência seria supérflua se a forma de manifestação [a aparência] e a essência das coisas coexistissem imediatamente" (MARX, 1985, p. 271). Essa importante constatação de Marx, a partir de seu longo e rigoroso processo de investigação, cujo objetivo foi desvendar a ordem social burguesa, assegura que o modo como as coisas se mostram não nos permite compreendê-las de fato como são. Contudo, o materialismo histórico-dialético também assinala que é a aparência das coisas que nos permite chegar à essência.

A trajetória desse brilhante intelectual em busca da compreensão do seu objeto de pesquisa revela a prática social e os atravessamentos subjetivos do autor

implicados no processo de constituição de uma teoria social que se contrapôs à economia política clássica, a crítica da economia política. Marx desvendou não só o ser do ser da ordem burguesa (HUNGARO, 2014), isto é, o que é a sociedade sob o modo de produção capitalista, evidenciando, portanto, os fundamentos ontológicos de sua constituição, como o método empregado para saber sobre seu objeto inaugurou uma nova forma de compreender a realidade, o materialismo histórico-dialético.

Diante disso, a ação investigativa não se dá apartada da vida do pesquisador. Embora o objeto de pesquisa tenha existência objetiva, ou seja, não depende do pesquisador para existir, a relação entre sujeito e objeto, para o materialismo histórico-dialético, não é uma relação de externalidade. O sujeito está implicado no objeto, mas para ser apreendido, um máximo de conhecimentos a seu respeito precisa ser mobilizado e esses conhecimentos precisam ser criticados e revisados. Nesse sentido, o pesquisador é essencialmente ativo, buscando apreender o objeto como processo, com criatividade e imaginação (PAULO NETTO, 2011).

Assim, podemos afirmar que ação investigativa é atravessada pela constituição singular desse sujeito social, mas também pelas determinações históricas; pelos sentidos engendrados na materialidade da existência e guiada pela constatação de que o mundo é cognoscível. “Aos seres humanos é possível a descoberta racional da verdade” (HUNGARO, 2014, p. 16), pois “[...] a teoria tem uma instância de verificação de sua *verdade*, instância que é a *prática social e histórica*” (PAULO NETTO, 2011, p. 23, grifos do autor).

Ao refletir sobre as formas mais desenvolvidas de conhecimento, sobre o alcance do concreto, ou seja, para que o ser humano pudesse dominar os processos mais complexos e profundos da realidade, Duarte (2016), à luz do materialismo histórico-dialético, afirma que a humanidade desenvolveu dois caminhos: a ciência e a arte. A ciência dedica-se ao desenvolvimento do pensamento teórico em suas máximas possibilidades para o alcance da totalidade concreta; seu objetivo central é desmascarar a aparência falseadora. A arte também possibilita a superação da aparência dos fenômenos, mas se diferencia da ciência na medida em que se funde à essência do fenômeno; expõe e constitui ao mesmo tempo um reflexo e uma crítica à vida. O objetivo primeiro da arte é a recuperação do papel dos seres humanos na história, assevera o autor, que prossegue suas argumentações em defesa da “[...] elevação da

subjetividade a um nível superior, no qual a personalidade se objetiva como uma síntese entre o singular e o universal e entre o subjetivo e o objetivo” (DUARTE, 2016, p. 78) e toma o caminho da arte como possibilidade desse enriquecimento.

Neste texto, por outra via, tomaremos a ciência sob a perspectiva do materialismo histórico-dialético como possibilidade de ampliação da compreensão do mundo. Faz-se, portanto, necessário perguntar ao objeto de investigação o que ele é, tomando assim a ontologia como dado primeiro à epistemologia, saturando-o de determinações, como nos ensina Hungaro (2014).

Diante disso, temos como objetivo, a partir de aspectos da trajetória de Karl Marx, afirmar a importância da pesquisa sob os pressupostos de sua teoria social. Argumentamos que a ação investigativa é um empreendimento eminentemente humano forjado ao longo da história e, portanto, vinculada a posicionamentos e valores sociais (DUARTE, 2016; SAVIANI, 1996). Na sequência, adentramos especificamente em aspectos da trajetória de Marx apoiando-nos nas importantes e didáticas contribuições de Hungaro (2014) e Paulo Netto (2004; 2011). Destacamos algumas das obras de Marx ao longo do seu processo investigativo, as quais nos permitem observar o amadurecimento de suas categorias analíticas e as relações entre o percurso desse brilhante intelectual e o trabalho do pesquisador. Buscamos evidenciar a efetividade da pesquisa materialista histórico-dialética ao apresentarmos reflexões entre o processo de constituição da teoria social de Marx e a ação investigativa sob esse enfoque. Desse modo, entendemos que as determinações do objeto só se revelam ao pesquisador na medida em que a prática social é reconhecida por ele como critério de verdade, e que a concreticidade do real é assim revelada e determinante para que possamos mover a história em uma direção emancipatória, como afirmou Marx.

A pesquisa como empreendimento eminentemente humano

A pesquisa científica subjaz uma concepção de mundo, pois a projeção da necessidade de conhecer na consciência é resposta aos desafios da imediatez da vida prática.

A concepção de mundo é constituída por conhecimentos e posicionamentos valorativos acerca da vida, da sociedade, da natureza, das pessoas (incluindo-se a autoimagem) e das relações entre todos esses aspectos (DUARTE, 2016, p. 99).

A adesão social a uma ou outra concepção de mundo não necessariamente se vincula a seu grau de veracidade, nem mesmo seu grau de elaboração significa que explica a realidade de fato como ela é. Uma concepção de mundo é ao mesmo tempo individual e coletiva, continua Duarte (2016).

Se as elaborações do pensamento cotidiano são decorrentes da satisfação das necessidades humanas mais imediatas e imprescindíveis, as elaborações filosóficas a respeito das relações sociais possibilitam refletir a respeito do que se passa na imediatividade da vida e indicam que é preciso saber suas determinações. E, nessa direção, colocam em evidência as concepções de mundo que coexistem, tanto as mais desarticuladas e espontâneas, quanto as mais disseminadas e fortalecidas, e as questionam (DUARTE, 2016). Eis a importância também da ciência para desvendar o real, continua o autor em suas argumentações, as quais nós reiteramos.

Não obstante, os fins e os meios do processo investigativo vinculam-se à concepção de mundo, ou melhor, são de fato a expressão da concepção de mundo, que é uma construção social. E, por isso, ainda que concepções (pseudo) científicas possam insistir na negação da realidade, os conhecimentos e valores sob os quais estão arraigadas

[...] depara[m]-se, inevitavelmente, com a necessidade de reconhecimento de suas relações com a prática social concreta, ou seja, [com o] reconhecimento de sua inserção na luta de classes e, portanto, na luta ideológica (DUARTE, 2016, p. 101).

Sem desconsiderar a prática social e, portanto, as contradições presentes no curso da história, a compreensão materialista histórico-dialética implica na percepção de que a liberdade e a igualdade formal burguesas não são aceitáveis, pois assentes na exploração de uns sobre outros. E socializar essa compreensão acerca das forças produtivas – todos os instrumentos e a si mesmos colocados pelo homem para o atendimento das necessidades humanas (HUNGARO, 2014); base de toda a sua história (PAULO NETTO, 2011) – é atuar na construção do enriquecimento das subjetividades em direção à emancipação humana.

Dado que concepção de mundo se refere a conhecimentos e posicionamentos valorativos diante da prática social e que o processo de investigação é ação humana, operar a realidade, buscando compreendê-la, revela os princípios de quem investiga. Conforme Paulo Netto (2011, p. 10) “[...] não se pode analisar a

metodologia durkheimiana sem considerar seu enraizamento positivista, bem como não se pode debater a “sociologia compreensiva” de Weber sem levar em conta o neokantismo que constitui um de seus suportes”. Há de se considerar, desse modo, que valores guiam o processo de investigação. E, no caso da fundamentação no materialismo histórico-dialético, em busca de apreender o que se apresenta diante de si de modo sincrético, o pesquisador buscará desvelar suas determinações para avançar à síntese e então apreender o real.

Conforme Saviani (1996, p. 36), “[...] o valor é uma relação de não indiferença que o homem estabelece com os elementos com que ele se defronta. Na medida em que o homem não é indiferente às coisas, é que essas coisas possuem valor”. Portanto, não há neutralidade científica, embora a ciência se volte a “[...] explicar a realidade em si mesma, elaborando as leis explicativas dos processos e fenômenos, especialmente obtidas e testadas por uma investigação racional ou pelo estudo da natureza por meio do método científico” (DUARTE, 2016, p. 74).

Essa compreensão afasta-se do que apregoa o positivismo quanto a separação entre ciência e concepção de mundo. No estado positivo defendido por Comte (1978) há o reconhecimento da impossibilidade de se conhecer a origem e o destino do universo; embora negue as explicações da filosofia teológica e metafísica, preocupa-se em descobrir, por meio do raciocínio e da observação, as leis efetivas do desenvolvimento do espírito humano, que são entendidas como leis naturais invariáveis de sucessão e de similitudes; os fenômenos são entendidos como fixos e homogêneos.

A compreensão a respeito da ciência defendida pelo materialismo histórico-dialético coloca em xeque tal concepção e ainda concepções idealistas, bastante em voga com o advento da pós-modernidade, que negam a objetividade do real ao defenderem perspectivas subjetivistas em que as experiências individuais são proclamadas como suficientes para explicar os fenômenos.

A construção do teórico pensado, nos ensinou Marx, tem como pressuposto a materialidade da vida, expressão da objetividade/subjetividade dos sujeitos históricos por meio do trabalho, marcados por concepções forjadas no seio das relações sociais. Conforme Hungaro (2014), essa compreensão se refere a uma concepção ontológica de teoria; se trata de reconstruir no plano das ideias algo da realidade; uma abstração,

entendida como processualidade, movimento, como um vir a ser que traz consigo superação e continuidade.

A abstração é a capacidade intelectual que permite extrair de sua contextualidade determinada (de uma totalidade) um elemento, isolá-lo, examiná-lo; é um procedimento intelectual sem o qual a análise é inviável – aliás, no domínio do estudo da sociedade, o próprio Marx insistiu com força em que a abstração é um recurso indispensável para o pesquisador (PAULO NETTO, 2011, p. 44).

A possibilidade de apreender a realidade, desvencilhando-se das explicações mais imediatas e místicas como definitivas foi, portanto, uma elaboração humana ao longo dos séculos, que tem na modernidade sua maior expressão. Não obstante a humanidade tenha se libertado da visão teocêntrica, reconhecendo que é possível alcançar a verdade por meio da razão, a necessidade expressa na interrogação “como conhecer?” se instaurou e invocou diferentes elaborações metodológicas, que no fim corroboraram a assertiva de que é possível distinguir o verdadeiro do falso (HUNGARO, 2014).

O trabalho humano objetivado nos empreendimentos científicos precisa ser compreendido, portanto, como construção social e combatida sua apropriação privada, além da necessidade de defender que a riqueza produzida seja socializada. Isso significa dizer que a ordem das coisas é resultado da ação humana e, então, é possível a subversão dessa ordem. É, pois, possível “[...] fundar a sociedade sobre bases novas [...]” (PAULO NETTO, 2004, p. 101).

Foi nessa direção que Marx atuou. “[...] na modernidade, é possível identificar, ao menos, dois vieses: um instrumental [positivista] e outro revolucionário/emancipador. Marx é, indiscutivelmente, herdeiro do viés emancipador” (HUNGARO, 2014, p. 18). Ao mesmo tempo em que desvendou seu objeto de pesquisa construiu uma teoria revolucionária. Nas palavras de Paulo Netto (2011, p. 10):

[...] na medida em que a teoria social de Marx vincula-se a um projeto revolucionário, a análise e a crítica da sua concepção teórico-metodológica (e não só) estiveram sempre condicionadas às reações que tal projeto despertou e continua despertando.

Vejamos a seguir um pouco mais sobre Marx.

Aspectos históricos da trajetória de Marx e considerações acerca dos pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico-dialético

Embora Marx não tenha proposto um tratado autônomo sobre método, alguns trechos de sua vasta obra nos remetem à discussão metodológica (HUNGARO, 2014) e, sem dúvida, nos guia em nossos processos investigativos. É fundamental considerar que o tratamento teórico e a formulação metodológica de Marx são indissociáveis, como adverte Paulo Netto (2011, p. 55, grifos do autor):

A indissociável conexão que mencionamos impede uma abordagem que, na obra de Marx, autonomize o método em face da teoria: não é possível, senão ao preço de uma adulteração do pensamento marxiano, analisar o método sem a necessária referência teórica e, igualmente, a teoria social de Marx torna-se ininteligível sem a consideração de seu método.

O conhecimento de sua trajetória investigativa muito nos ensina quanto à postura do pesquisador diante daquilo que pretende investigar. Seus conhecimentos e posicionamentos valorativos o impulsionaram a seguir na direção de desvendar seu objeto, mas não alheio ao que acontecia em seu tempo, mesmo antes de ter mais clareza a respeito das determinações de seu objeto de investigação.

Em 1842 Marx, como jornalista da *Gazeta Renana*¹, teve a incumbência de noticiar o episódio dos coletores de lenha na Alemanha, os quais foram impedidos de exercer esse direito consuetudinário devido a um decreto de Frederico Guilherme IV tornando essa atividade ilegal. Firmado em seus princípios ético-humanistas, Marx se posicionou a favor dos coletores de lenha. Na medida em que se desenrolou a história, Marx percebeu que sua formação em filosofia era insuficiente para tratar de maneira aprofundada os acontecimentos de seu tempo. Diante do acordo feito pela burguesia alemã com Frederico Guilherme IV, a quem antes criticava por meio dos seus artigos em jornal, percebeu a debilidade desse grupo e os conflitos de classe. Marx, ao ter seu primeiro contato com a política, concluiu que a ética nesse âmbito não havia como ser reivindicada.

Tais percepções de Marx não surgiram no vazio, simplesmente ou imediatamente por ocasião do episódio dos coletores de lenha, mas no decurso de sua

¹ Como os planos de Marx de lecionar na Universidade de Berlim foram inviabilizados pela chegada ao poder de Frederico Guilherme IV, foi trabalhar como jornalista na *Gazeta Renana*, jornal financiado “[...] pela descontente e frágil burguesia alemã” (HUNGARO, 2014, p. 20).

história individual e no bojo das determinações sociais mais amplas. Assim, ao defrontar-se com aquele fato interrogou suas determinações, os meios e os fins para o desenvolvimento do seu processo investigativo ainda nascente. Ao se empenhar em estudos que o auxiliasse nesse sentido, se deparou com a importante obra de Hegel, *Filosofia do direito*², e pôs-se a críticas à obra desse grande intelectual a partir da influência de Ludwig Feuerbach³. Ao polemizar com Hegel, Marx inverteu a lógica dialética idealista para uma perspectiva materialista⁴. Mais adiante também debateu com Bruno Bauer sobre a questão dos judeus na Alemanha⁵ contrapondo-se ao modo idealista como Bauer analisava a questão, destacando os limites da emancipação política, pois no seio da democracia formal da sociedade capitalista. Vejamos que Marx ao perceber que carecia de saber mais para compreender a realidade com a qual se defrontava, iniciou estudos sobre teoria social e sobre a Revolução Francesa, além de estar ao mesmo tempo em debate com outros intelectuais.

Em 1843, Marx encontrou-se com Friedrich Engels, intelectual que compartilhava de mesmo entendimento sobre a realidade. Esse fato é considerado um marco na trajetória de Marx, pois possibilitou contato com a economia política, “chave

² Motivado por suas percepções anteriores e ainda por ter recebido um convite de Ruge para editar uma revista de refugiados alemães na França, os *Anais Franco-Alemães*, em 1843 Marx foi para Paris, que era considerado um local bastante promissor do ponto de vista do debate das ideias. Antes disso, porém, se casou e passou algumas semanas em Kreuznach (Alemanha), onde estudou sobre a Revolução Francesa, sobre teoria política (de Maquiavel a Rousseau) e se deparou com a obra de Hegel, *Filosofia do direito*, de 1821 (HUNGARO, 2014).

³ “Marx, assim como Hegel, interpreta que a sociedade civil é o reino do privatismo, dos interesses particulares, da ‘miséria física e moral’, porém, diferentemente do que afirmava o velho filósofo, é ela que funda o Estado. É a sociedade civil que permite a compreensão do Estado, já que este nada mais é que a expressão daquela” (HUNGARO, 2014, p. 24).

⁴ De acordo com Hungaro (2014), Ludwig Feuerbach polemizou as contribuições de Hegel em obra publicada em 1841, *A essência do cristianismo*, afirmando que Hegel operava uma mistificação. Feuerbach defendia que não foi Deus quem criou os homens, mas foram os homens quem criaram Deus (deuses) devido ao não conhecimento de suas reais potencialidades. Feuerbach desenvolveu, portanto, uma concepção de alienação distinta de Hegel. Marx foi além dos pressupostos desses dois intelectuais. Na obra *A ideologia alemã*, Marx e Engels afirmam: “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 1999, p. 37). Ou seja, o modo pelo qual as condições concretas de vida se estabelece e permite seu desenvolvimento é que implica a consciência.

⁵ Marx debate com Bruno Bauer em seu texto *A questão judaica*. Para Bauer a emancipação política seria a emancipação do Estado em relação a qualquer religião, o que para Marx era uma representação idealista. Marx já notava claramente a diferença entre emancipação política e emancipação humana (HUNGARO, 2014).

heurística” (HUNGARO, 2014, p. 27) para a compreensão da sociedade civil burguesa⁶ de forma significativa. Além disso, Marx também esteve em contato com o movimento operário de sua época buscando saber seus desdobramentos e influenciando-o. “[...] Marx, de 1848 até o fim da vida, foi um permanente “analista de conjunturas” (históricas, político-econômicas e sociais) [...]” (PAULO NETTO, 2011, p. 35).

Marx não abriu mão da história para compreender o movimento da realidade, pois compreendia que são os seres humanos os autores da história e, portanto, a fazem cotidianamente no conjunto das relações sociais; de forma coletiva a partir também do debate e confronto de concepções de mundo. Elaborou, assim, quando defrontado com as ideias de Feurbach e Hegel, “[...] uma reflexão histórico-sistemática. Marx, ao empreender a crítica à política levando-a além das fronteiras jurídico-políticas, inicia uma crítica à sociedade” (HUNGARO, 2014, p. 24). E, mais adiante em seus estudos, avançou na compreensão de que a emancipação humana deveria ser central em sua busca investigativa. Nas palavras do próprio Marx:

Somente quando o homem real, individual, reassumir em si o cidadão abstrato, e quando, como homem individual, em sua vida empírica, em seu trabalho individual, em suas relações individuais, tiver se tornado *ente genérico*, somente quando o homem reconhecer e organizar suas próprias forças como forças sociais e, portanto, não mais separar de si a força social na figura da força política, somente então realizar-se-á a emancipação humana (MARX, 2010, p. 54, grifos do autor).

Marx buscou articular a compreensão das categorias da economia política com suas concepções filosófico-humanistas, confrontando-as, principalmente, com a categoria trabalho, entendida por Marx posteriormente como categoria ontológica fundamental⁷. Marx então firmou suas concepções na centralidade humana tomando as

⁶ Na edição da revista *Anais Franco-Alemães* Marx se deparou com um texto de Engels denominado *Esboço de uma crítica da economia política* no qual Engels explicitou que a economia política inglesa era representativa da racionalidade burguesa. A partir de então, Marx passou a se dedicar aos estudos das obras de Smith e Ricardo (HUNGARO, 2014). Também de acordo com Paulo Netto (2011), a partir do encontro com Engels, Marx se voltou à análise concreta da sociedade moderna – a sociedade burguesa – engendrada a partir da ordem feudal e estabelecida na Europa Ocidental entre os séculos XVIII e XIX.

⁷ Em *Os Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844 Marx abordou três categorias da economia política, a saber: propriedade, dinheiro e trabalho. Nesse momento sua crítica fundava-se mais em elementos éticos do que em um aprofundamento dos conhecimentos da economia política (HUNGARO, 2014). E, conforme Paulo Netto (2011, p. 29, grifo do autor) “Se a leitura dos *Manuscritos*... revela um conhecimento ainda insuficiente da economia política, isto não compromete a segurança do autor [Marx] no manuscrito, da dialética, manuseio que se aprofunda na sequência do

categorias da economia política de modo crítico – tendo o trabalho⁸ como “dado ontológico primário”; como “*condição eterna dos homens*” (HUNGARO, 2014, p. 46-47, grifos do autor) – ao afirmar que a generalidade burguesa nega o homem na medida em que o impede de desenvolver-se em toda a sua singularidade; de desenvolver sua omnilateralidade, o que poderia ser possível ao apropriar-se de sua história universal.

Reiterando que são os seres humanos que movem a história e que o modo de existir, portanto, não é um fato natural, são os próprios seres humanos que podem mudá-la, de forma coletiva. Esse entendimento do jovem Marx atestava que a luta política não estava dele apartada. Marx rechaçou a intelectualidade alemã insistente em reflexões especulativas, e continuou a estabelecer interlocuções na direção de afirmar uma luta revolucionária, haja vista que nos anos de 1845/1846 ele e Engels tinham suas ideias mais amadurecidas, explicitadas à luz da crítica da economia política e reafirmadas suas concepções histórico-filosóficas⁹.

Dentre seus estudos, outras categorias foram compreendidas por Marx em colaboração com Engels: a ideologia e a história (HUNGARO, 2014). Para Marx, ideologia refere-se a formulações ideais que prescindem das determinações históricas e atestam uma falsa consciência; apresenta uma realidade distorcida e legitima uma construção parcial do real.

O pesquisador comprometido com a verdade compreende que é preciso desvelar esse processo buscando os nexos histórico-causais do seu objeto de investigação para que se possa, de fato, apresentar um resultado comprometido com a universalidade humana. E, nesse intento, coloca-se outra compreensão necessária ao pesquisador: a compreensão da história. “A chave de compreensão da história é o entendimento de como os homens produzem a vida material” (HUNGARO, 2014, p.

estabelecimento da relação pessoal com Engels [...]”.

⁸ O conceito de trabalho abordado por Marx diz respeito à atividade humana objetiva, à dimensão ontológica necessária para o ser humano. Porém, trabalho na sociedade burguesa, por ser considerado unilateralmente como meio de sobrevivência, reduz-se à ação de produzir mercadorias e, nesse processo, é também o trabalhador uma mercadoria como todas as demais que produz.

⁹ A obra *A sagrada família* ou *Crítica da crítica crítica*, em conjunto com Engels e a obra *A ideologia alemã*, de acordo com Hungaro (2014), representaram um acerto de contas de Marx (e Engels) com suas ideias anteriores. Na primeira, empreenderam uma crítica aos continuadores da obra de Hegel, dentre eles Bruno Bauer e, na segunda, Marx teceu uma rigorosa, mas respeitosa crítica à Feuerbach, grande intelectual da Alemanha, o que constituiu também uma autocrítica. Hungaro (2014) também considera que após a obra *A ideologia alemã* Marx não mais fez crítica filosófica, mas teoria social.

55). Se por meio do trabalho a humanidade se estabelece no mundo, a história só pode ser um movimento contínuo, dinâmico e dependente da ação dos homens. Sendo assim, “[...] são os indivíduos reais, suas ações e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas, como as produzidas por sua própria ação” (MARX; ENGELS, 1999, p. 37) que engendram a história. Cabe então ao pesquisador considerar a história como universalidade e dado anterior a seu objeto, pois a história se mostra condensada nele e favorece o processo de abstração das determinações:

[...] é, sobretudo, um guia para o estudo [...] É necessário voltar a estudar toda a história, devem examinar-se em todos os detalhes as condições de existência das diversas formações sociais antes de procurar deduzir delas as ideias políticas, jurídicas, estéticas, filosóficas, religiosas etc. que lhes correspondem (Marx e Engels PAULO NETTO, p. 13, grifos do autor).

Contudo, Paulo Neto (2011) adverte: embora a forma mais complexa (o presente) permita compreender o mais simples (o passado), voltar-se à gênese histórica não determina o desenvolvimento posterior de uma categoria, por isso é preciso proceder à análise sincrônica e à análise diacrônica, conforme Marx, ou seja, combinar a consideração das funções e estruturas atuais do que se investiga com sua gênese e desenvolvimento. Portanto, compreendidas as categorias ideologia e história no materialismo histórico-dialético, o pesquisador necessariamente estará convocado a elucidar as relações sociais mais amplas que incidem sobre seu objeto de pesquisa.

É preciso que, em cada caso particular, a observação empírica coloque necessariamente em relevo – empiricamente e sem qualquer especulação ou mistificação – a conexão entre a estrutura social e política e a produção (MARX; ENGELS, 1999, p. 35).

E, ao colocar em relevo essa conexão, Marx evidenciou, ao polemizar com Pierre-Joseph Proudhon – personalidade notável junto aos operários¹⁰ – que a igualdade de condições defendida por Proudhon na verdade estava circunscrita à formalidade jurídico-burguesa, o que representava, portanto, propostas reformistas e não revolucionárias. Ao prosseguir suas análises e direcionar suas críticas à Proudhon, apresentou de maneira mais relevante a categoria totalidade como exigência para a

¹⁰ A obra de Marx *A miséria da filosofia*, escrita nos três primeiros meses de 1846, refere-se à polêmica com Proudhon devido a sua obra *A filosofia da miséria*. De acordo com Hungaro (2014), nessa obra de Marx é possível identificar sua primeira sistematização crítica sobre o modo de produção capitalista e, ainda, apontamentos teórico-metodológicos sobre teoria social.

compreensão da realidade. Ou seja, para Marx, a própria realidade se constitui como totalidade; suas instâncias se articulam dialeticamente (HUNGARO, 2014) e, diante disso, para que seja possível captar a essência do objeto investigado é preciso reconstruir idealmente sua estrutura processual.

A trajetória de Marx diante de seu objeto de análise nos mostra o empreendimento dessa reconstrução, que teve na história e na dialética, referências substanciais sem as quais não teria proposto uma teoria materialista. Ele evidenciou o caráter a-histórico de categorias da economia política ao serem operadas pelos economistas políticos, chamados por Marx em função disso, de ideólogos.

Ainda conforme Hungaro (2014), podemos afirmar que, de posse de um conjunto de conhecimentos sobre economia política, reconhecendo o amadurecimento de suas categorias analíticas, Marx se deteve a aprofundar a investigação a respeito de seu objeto e também em como expor seus resultados¹¹. Assim, reiterou que o ponto de partida é o concreto, o real, o empírico, que se manifesta em sua materialidade imediata ao passo que a essência, a verdade, só é alcançada por meio da análise. Embora ele tenha afirmado a relevância da descrição, da sistematização e da organização da imediaticidade como ações fundamentais para o alcance da verdade, esses procedimentos não são suficientes para alcançá-la. Para esse alcance, as categorias totalidade e abstração são fundamentais.

Por meio do pensamento é possível abstrair os processos de várias ordens implicados na aparência fenomênica e buscar os nexos, as mediações, de modo que se possa reconstruir idealmente essa realidade. Nesse processo, a imediaticidade já foi enriquecida de determinações pelo processo investigativo e, ao fazer o caminho de volta – do pensamento à materialidade – é possível chegar à essência; é a ascensão do imediato ao mediato; a elevação do abstrato ao concreto, ao concreto pensado, que é a síntese de muitas determinações por meio de sucessivas aproximações (HUNGARO, 2014). Ou, a partir do próprio Marx:

¹¹ Hungaro (2014) destaca que na década de 1950 Marx pouco publicou, contudo vale destacar a obra *O 18 brumário de Luís Bonaparte*, uma análise de conjuntura em que explicitou sua capacidade analítica sobre a sociedade burguesa e a *Introdução de 1857*, onde condensou suas considerações teórico-metodológicas apresentadas nos *Grundrisse* (é a essa “introdução” que Marx se refere no *Prefácio à crítica da economia política*). Em 1856, Marx estudou e escreveu intensamente diante da crise capitalista anunciada e suas relações com o movimento operário.

[...] o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação [...] o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado. Mas, este não é de modo nenhum o processo da gênese do próprio concreto (MARX, 1982, p. 14).

Paulo Netto (2011) considera as categorias totalidade, contradição e mediação como nucleares na concepção teórico-metodológica de Marx. Quanto à totalidade, considera conforme Hungaro (2014): a realidade como processualidade e movimento, como um complexo de complexos e, portanto, o concreto não pode esgotar suas determinações. Contudo, a objetividade é tangível. Tanto o é que ao longo dos séculos a humanidade avançou significativamente em relação ao domínio da natureza ao estabelecer formas de conhecer o mundo que viessem ao encontro das suas necessidades.

Paulo Netto (2011) assevera que, por não serem as totalidades constitutivas do todo inertes, o funcionamento das relações entre as partes e o todo possui um caráter contraditório, sem o qual a história poderia ser considerada como algo linear e contínuo. Ainda que a humanidade tenha desenvolvido as condições para satisfazer suas necessidades, contraditoriamente, por exemplo, destrói a natureza, de onde retira os meios para sobreviver.

Vejamos que as relações estabelecidas entre todas as totalidades e destas com a totalidade mais ampla, que é a sociedade burguesa, não são diretas, mas mediadas em virtude dos distintos níveis de complexidade de cada totalidade implicada nesse processo e pela especificidade de cada uma. Assim, cabe à pesquisa identificar nas inter-relações existentes, no complexo de complexos, as contradições que se sucedem por meio das mediações.

Conforme Hungaro (2014), Marx operou a realidade sob uma perspectiva de análise distinta, sob a ótica de outra concepção teórico-metodológica e outra perspectiva política. Interessava a ele mais as condições para entender seu objeto do que a forma para conhecer (epistemologia). “Há, portanto [no método de Marx], uma subordinação da preocupação epistemológica à impositação ontológica” (HUNGARO, 2014, p. 20). Ele combinou gênese e desenvolvimento da realidade. Portanto, Marx

deixa importante legado à ação investigativa e delega ao pesquisador revolucionário perquirir a essência do real tendo como critério de verdade a prática social.

Considerações finais

A teoria social de Marx explicitou a verdade a respeito do modo de produção capitalista e também do ponto de vista do método muito diz ao pesquisador não só por suas formulações teóricas, mas pelo sujeito ativo que foi em defesa da emancipação humana. Suas formulações nos ensinam que a teoria não se desenvolve abstratamente prescindindo da materialidade da vida, pelo contrário, os sujeitos concretos abstraem a partir da existência material. O pesquisador, portanto, precisa também considerar que a resposta a suas questões investigativas requer a consideração do acúmulo intelectual em busca da gênese e desenvolvimento do seu objeto.

Marx dialogou com grandes intelectuais que já haviam deixado seu legado por intermédio de suas obras e também com aqueles que, assim como Marx, estavam desenvolvendo suas formulações à época. Não se esquivou de fazer críticas, pois compreendia a teoria como uma construção coletiva; sabia que de alguma maneira suas ideias poderiam influenciar a história de seu tempo para uma direção revolucionária.

O momento ontológico determinante a que Marx se referiu como necessário de ser desvendado não é um dado eterno, natural, como acreditava a economia política clássica (HUNGARO, 2014). Esse momento continuamente precisará ser perseguido pela investigação crítica, que dará conta de saber seus movimentos e direções. Diante do arcabouço teórico e prático de Marx, nota-se que suas ideias foram e são revolucionárias, subsistirão enquanto o modo de produzir a existência for capitalista. Apresentou-nos um modo de ver o mundo que corrobora para o rompimento da ordem das coisas direcionadas pelo capital rumo a uma direção emancipatória. Ensinou-nos que “O verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas a união cada vez mais ampla dos trabalhadores” (MARX, 1998, p. 48), que constitui a classe verdadeiramente revolucionária.

Que possamos ganhar o mundo como ele. Que nossas pesquisas estejam comprometidas com seu legado. Pesquisadores, uni-vos!

Referências

DUARTE, N. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos**: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo. Campinas: Autores Associados, 2016.

HUNGARO, E. M. A questão do método na constituição da teoria social de Marx. In: CUNHA, C., VIEIRA DE SOUSA, J., SILVA, M. A. **O método dialético na pesquisa em educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2014. p 15-78.

MARX, K. “Introdução” [À crítica da economia política]. In: MARX, Karl. **Para a crítica da economia política** [e outros escritos]. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. **O capital**. Livro III, Tomo II. (Coleção Os Economistas). Tradução de Regis Barbosa e Flavio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

_____. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K; ENGLES, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

_____. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

PAULO NETTO, J. **Marxismo impenitente**: contribuição à história das ideias marxistas. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Introdução ao estudo do método em Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. Campinas: Autores Associados, 1996.